

"Não nos sentimos livres"

135 ANOS DA LEI ÁUREA

"Ainda não nos sentimos livres", diz a artista Jamile Cazumbá, resumindo o sentimento da população negra neste 13 de maio. Especialistas e ativistas falam sobre discriminação

LUTA HISTÓRICA

FERNANDA TURANCO

A Lei Áurea completa 135 anos neste 13 de maio e, até hoje, deixa suas marcas - quase nada positivas. Apesar de ser um marco para a luta abolicionista da época, ela é símbolo de um movimento negligenciado pela história hegemônica do Brasil e não reconhece o legado deixado para os povos escravizados. É o que dizem seus descendentes que, até hoje, não se sentem cidadãos livres pelo status que lhes foi conferido.

"O racismo é perene. No passado, período anterior à abolição do trabalho escravo, ele justificava a escravidão. Hoje, ele justifica a discriminação e exclusão dos negros e da riqueza coletiva produzida por todos", explica Marcos Cardoso, analista de Políticas Públicas da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Ilksoo mestre em história e um dos autores do livro da militância negra no Brasil.

De acordo com ele, muitos anos da assinatura da Lei Áurea, houve uma lacuna entre a libertação de africanos escravizados. Essa população inserida na sociedade brasileira uma cultura importante que continua sendo desvalorizada ou apropriada apenas para que alguém faça lucro. Ela não teve o mesmo reconhecimento que os outros grupos que se estabeleceram na sociedade brasileira, com as rotinas populares em todos os países gerando um processo que culminou na abolição do trabalho escravo, explica.

Para Marcos e para muitos outros, a abolição da escravidão não significou liberdade para os povos africanos no Brasil, que o racismo social sobrevive e se mantém a partir da ausência de reformas estruturais que possibilitem a negritude à sociedade brasileira.

"O que é liberdade dentro desse contexto? Uma vez que a abolição da escravidão acabou, há liberdade, de fato, no pós-abolição. Quando esses corpos foram libertos, eles se tornaram uma população mantida nos escravizados, porque a Lei Áurea não previu nenhum tipo de amparo ou ressarcimento. Não reconhece a humanidade das pessoas que foram libertas e, até hoje, isso reverbera. Esta liberdade não está livre como um certificado", comenta Jamile Cazumbá, militante de Salvador.

DESIGUALDADE De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 54% da população brasileira é negra (incluindo antepassados negros e pardos). Apesar disso, a proporção de pessoas pobres no país é



Os artistas Emili Panzo e Jamile Cazumbá encenam o peço "Babilônia Tropical - A Nostalgia do Apúcar", que expõe o Brasil escravocrata e racista



Filósofo e mestre em história, Marcos Cardoso é militante do movimento negro e considera que "o racismo é perene"



Filósofo e mestre em história, Marcos Cardoso é militante do movimento negro e considera que "o racismo é perene"

de 18,6% entre os brancos, enquanto é praticamente o dobro entre os pretos (34,5%) e pardos (26,4%), segundo a pesquisa "Inseguidades Sociais por Cor ou Raça no Brasil" de 2021.

Sem a concessão de terras ou a oferta de trabalho digno - como foram dados aos imigrantes que substituíram a mão de obra dos escravizados - muitos negros foram mortos nas ruas, dando origem às favelas e às comunidades periféricas. "O 13 de Maio seria um dia de comemorar uma liberdade, uma eufória, mas acabou que, no entanto 13 de maio, a gente vive uma falta de suporte, uma falta de estrutura, uma falta de dignidade mínima. O que foi ofertado, por exemplo, para os imigrantes - a população que veio embarquear o Brasil - não foi o mesmo para a população negra", explica Flone Martins, pesquisadora, militante do movimento negro e colunista do DiversEM.

"A Lei Áurea nesse aspecto não serviu para nada. Ela é apenas uma fachada, uma farsa histórica, e um processo colonizador que permanece até hoje a Chile brasileiro não tem projetos para integrar brasileiros negros à sociedade brasileira. Grande parte dessa população está encarcerada, em as piores condições de vida, não tem acesso a educação de qualidade", enfatiza Marcos.

CONTEMPORANEIDADE Com a negligência das elites, os rastros deixados pelo descaso com a população negra escravizada ressurtem nas suas atuais - de manifestos diferentes, mas com impactos an-

ômicos produzidos nesse processo histórico do Brasil" afirma o militante. "Crisise, no país, uma mentalidade escravocrata e colonialista de enxergar os negros e os negros como escravos. O movimento negro contemporâneo tenta desconstruir e desnaturalizar esse imaginário", complementa ele.

Paralela ao reconhecimento de todo esse processo, ele garante muitas insuportáveis. "Nada não nos sentimos livres, há como um corpo negro, que viveu no século 21, no ano de 2023, ainda não me sinto livre para existir dentro da cidade; não me sinto livre como a favela - que deveria me proteger - perto de mim, não me sinto livre no meu processo de aprendizagem dentro da academia, dentro da arte e, inclusive, dentro do meu trabalho", diz.

As insatisfações da militância negra escravista do Brasil, pela relação patrimonial que cerca as relações trabalhistas de mulheres negras. "A gente vive numa sociedade capitalista em que a população negra ainda ocupa cargos com salários baixos, modernizáveis, hoje, o quanto da empregada e a gente consegue ver isso, por exemplo, pela dificuldade que foi aprovar a PFL das domésticas, justamente porque quem faz esse trabalho somos nós, mulheres pretas descendentes das mulheres africanas que foram escravizadas", conta Flone.

"Até hoje a gente vê essa hierarquia escravista na nossa sociedade, que ocasiona a nossa morte física simbólica: a morte dos nossos conhecimentos e saberes ancestrais, a morte das nossas religiões de ma-

trix africana, que são violentadas e desnaturalizadas até hoje. A gente consegue ver nossos corpos sendo expostos de um jeito que não queríamos, do pagamos a passagem como qualquer outra pessoa. Matam os nossos corpos como se fossemos burras", completa Flone.

ESPERANÇA E LUTA São trabalhos com os quais, no entanto, que dão esperança de um futuro melhor para a comunidade negra brasileira, de acordo com Marcos. "Tem todo um processo de articulação da vida, uma reconstrução da cultura africana no território brasileiro, as religiões de matriz africana resistindo à intolerância, a qualidade negra brasileira sendo aceita pela população - sem o devido retorno - a juventude negra continuando a produzir com sua radicalidade política, mesmo sendo vítima do aparelho de segurança do Estado; as políticas públicas reivindicando cotas, sobretudo para a juventude que para no Ensino Médio ter acesso ao Ensino Superior", pondera ele.

ARTE E DEBATE Apesar das conquistas recentes, o dia a dia ainda se mostra campo de batalha para essa população. "Acho que, no ponto em que estamos, é importante haver esses reparos históricos, mas não podemos negar que, hoje, há outras formas contemporâneas de ocupar, de colonizar e escravizar. Por isso, a luta é constante", afirma Emili Panzo, artista que compõe com Jamile, o elenco da peça "Babilônia Tropical - A Nostalgia do Apúcar".

Com o devido cuidado narrativo, o espetáculo põe em xeque o

"A abolição não nos foi dada, ela foi conquistada. A Princesa Isabel só ficou bonita na foto assinando uma lei que já tinha sido fruto de muita luta, resistência e revolta de um povo acompanhado de figuras como João Cândido, Zumbi dos Palmares e Dandara"

Ilksoo Martins, pesquisador, militante do movimento negro e colunista do DiversEM

"Tudo o que a gente sabe sobre a história é basicamente uma mentira, porque é uma história que brilha a partir do pagamento de outas. É uma história violenta, sangrenta e que não tem heroísmo"

Jamile Cazumbá, militante de Salvador

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais Pagina: 9